

RELATÓRIO GERENCIAL MAR|2025

**SNAG11**

SUNO AGRO - FIAGRO IMOBILIÁRIO

CNPJ

28.152.777/0001-90

INÍCIO DO FUNDO

JULHO/2022

ADMINISTRADOR

SINGULARE CORRETORA DE TÍTULOS E VALORES MOBILIÁRIOS S.A.

PÚBLICO-ALVO

INVESTIDORES EM GERAL

GESTOR

SUNO GESTORA DE RECURSOS LTDA

TAXA DE ADMINISTRAÇÃO

0,07% A.A.

TAXA DE GESTÃO

0,80% A.A.

TAXA DE PERFORMANCE

N/A

SUNO AGRO | FIAGRO IMOBILIÁRIO

O Suno Agro - Fiagro Imobiliário é um fundo com objetivo de investir de modo amplo nas cadeias do Agronegócio, explorando tanto atividades de natureza imobiliária como aquelas relacionadas à produção do setor. O fundo tem gestão ativa para busca de oportunidades e alocação da carteira, com foco no pagamento de rendimentos mensais aos cotistas.

SUMÁRIO

SUMÁRIO 2

BULLET POINTS 3

DESTAQUES DO MÊS 3

CENÁRIO MACROECONÔMICO 4

CARTA DO GESTOR 5

PERFORMANCE/DESEMPENHO 19

RESULTADO 22

ALOCAÇÕES E MOVIMENTAÇÕES 24

AValiação DE RISCO DE CRÉDITO E ESG 28

ASSEMBLEIAS E COMUNICADOS DOS ATIVOS 27

DETALHAMENTO DOS ATIVOS 29

BULLET POINTS

R\$ 0,11

Distribuição por cota

R\$ 0,051

Lucro acumulado por cota

15,26%

Dividend Yield Anualizado

17,35%

Yield All In da Carteira

R\$ 9,24

Cota Fechamento de Mercado

R\$ 10,09

Cota Patrimonial

111.866

Número de cotistas

R\$ 613,08 MM

Patrimônio Líquido

R\$ 561,24 MM

Valor de Mercado

0,92

P/VP

CDI + 2,72%

Remuneração da Carteira

0,00%

Inadimplência

DESTAQUES DO MÊS

No mês de março, o **SNAG11** obteve uma **performance positiva**, com uma rentabilidade de 2,20% no período (valorização da cota + rendimentos). O fundo segue sem eventos de crédito e com **carteira de crédito saudável e 100% adimplente**.

O fundo seguiu no seu patamar de distribuição, distribuindo **R\$ 0,11 por cota**, um resultado que representa **110% do CDI (130% do CDI líquido de imposto de renda – considerando a alíquota mínima de 15%)**. O fundo deverá seguir esse patamar de rendimentos no primeiro semestre de 2025.

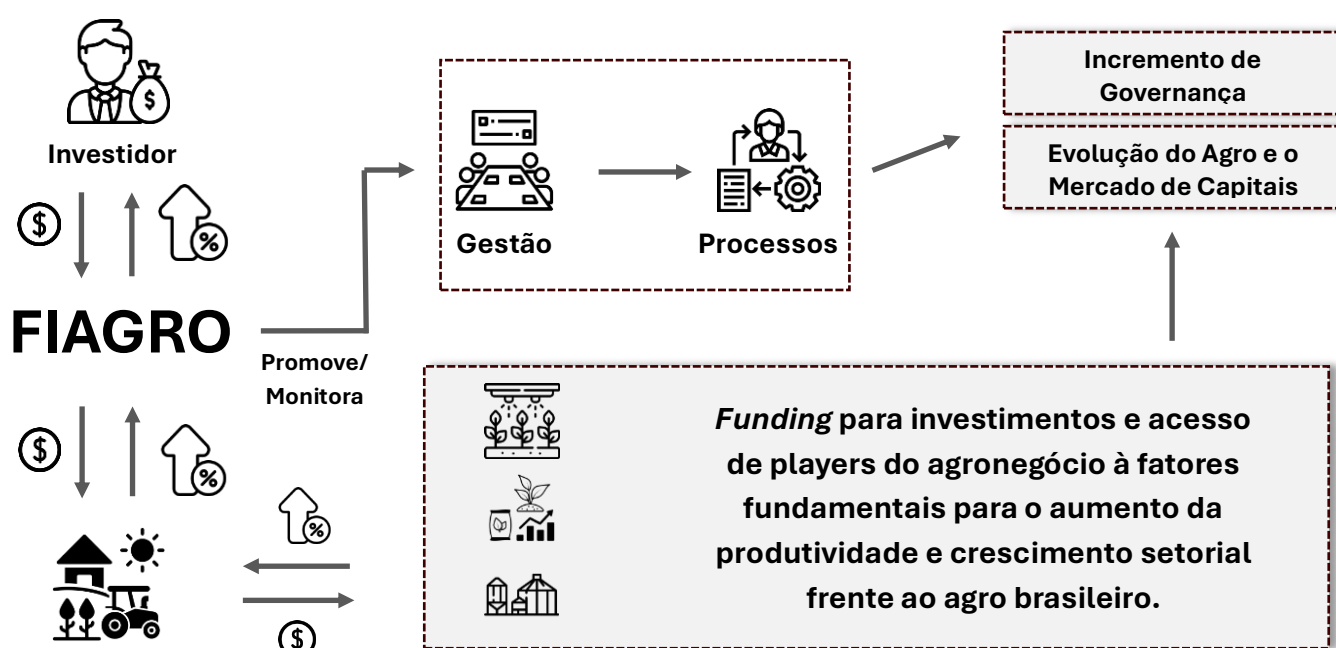
No mês de março, a indústria de **FIAGROs** avançou com uma **recuperação**, e o **SNAG11** seguiu esse movimento, com fechando o mês a 0,92 P/VP. O Fundo segue com desconto atrativo em relação a sua carteira, o que endereça uma remuneração de **CDI + 4,64% líquido de taxa de gestão**.

Na carta de gestão, **abordaremos sobre atualizações acerca da batalha de tarifas iniciadas pelos EUA**, mostrando o impacto em algumas das commodities expoentes pelo fundo.

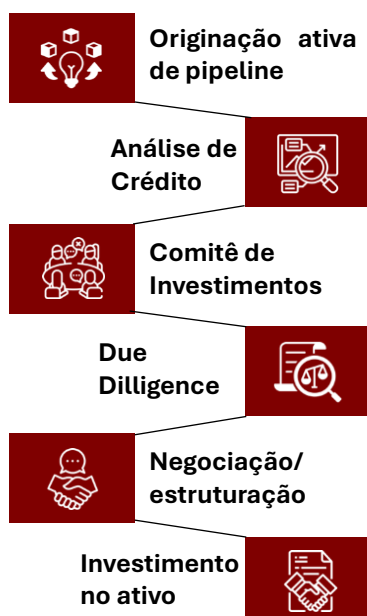
TESE DE INVESTIMENTOS

O SNAG11, como um dos primeiros FIAGROs híbridos da indústria, foi desenhado para financiar um dos principais motores da economia brasileira, com **estruturas e produtos que alinhasssem retorno e segurança ao cotista**. Com isso, o fundo se consolida como uma das opções mais resilientes da indústria, com **performance histórica acima de seu principal benchmark, IPCA + 7%**. O fundo oferece ao investidor a oportunidade de **alocar parte de seu patrimônio em uma carteira diversificada e gerida ativamente** para buscar **oportunidades de alocação com rendimentos mensais previsíveis e pouco voláteis**, com um dos menores custos da indústria.

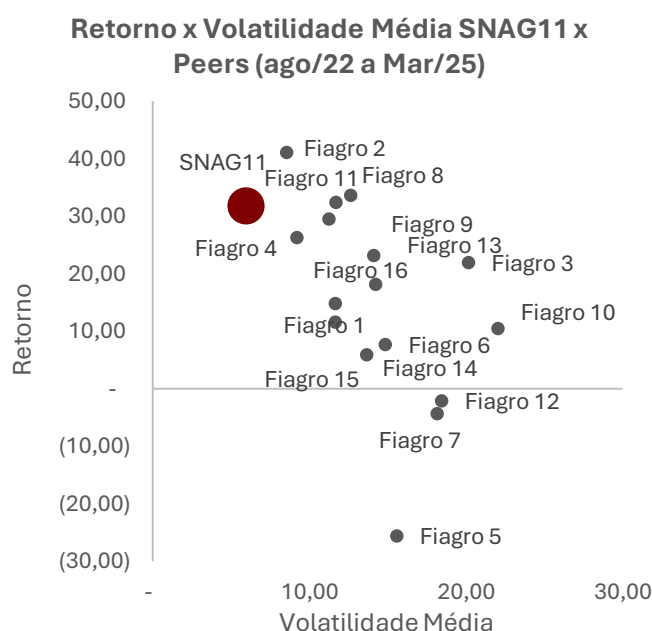
Ciclo de Investimentos do SNAG11 e sua atuação dentro do Agronegócio



Processo de investimentos



Foco na maximização de retorno ao cotista



CENÁRIO MACROECONÔMICO

Tarifas e risco de recessão ampliam o dilema do Fed. no Brasil, bolsa avança, mas incertezas nos EUA aumentam a aversão ao risco

Em março, os principais índices globais encerraram o mês no vermelho, como podemos observar na tabela abaixo. Nos Estados Unidos, o S&P 500 recuou 5,75% e o Nasdaq caiu 8,21%, acumulando perdas de 4,59% e 10,42% no ano, respectivamente. O índice MSCI World também registrou queda de 4,64%.

Índices de Mercado

Bolsas					
	Índice	Último	Mês	12 meses	Acum. Ano
	MSCI World	3.628,64	-4,64%	9,21%	-2,14%
	S&P 500	5.611,85	-5,75%	10,69%	-4,59%
	NASDAQ	17.299,29	-8,21%	8,47%	-10,42%
	FTSE 100	8.582,81	-2,58%	12,56%	5,01%
	Euro Stoxx 600	533,93	-4,17%	7,95%	5,18%
	Merval	2.338.761,00	6,03%	134,15%	-7,69%
	Ibovespa (BRL)	130.259,60	6,08%	0,08%	8,29%
	Ibovespa (USD)	22.903,06	9,18%	-13,19%	17,63%
	USD/BRL	5,82	-0,13%	17,45%	-5,97%
	IFIX	3.313,09	6,14%	-0,90%	6,32%

Data até 31/03/2025 / Fonte: Refinitiv / Elaboração: Suno Asset

A deterioração do cenário internacional esteve e ainda está relacionada aos efeitos da nova política de tarifas comerciais dos Estados Unidos.

Em março, o presidente Donald Trump retomou sua agenda protecionista com a implementação de novas tarifas de importação sobre México, Canadá e China. Em seguida, na segunda metade do mês passado, os investidores acompanharam com atenção os sinais vindos de Washington, e a expectativa em torno da configuração do novo pacote tarifário, gerando certa apreensão nos mercados norte-americanos.

No dia 2 de abril, Donald Trump confirmou as nossas expectativas, com a adoção de tarifas recíprocas aos países que mantêm relações comerciais com os Estados Unidos. Foi estabelecida uma alíquota

mínima de 10% sobre todas as importações, com percentuais diferenciados aplicados a determinados países e produtos. Entre os principais alvos estão tarifas de 34% para a China, 26% para a Índia, 25% para a Coreia do Sul, 24% para o Japão, 20% para a União Europeia e 25% sobre todos os automóveis importados, independentemente do país de origem.

No caso do Brasil, a tarifa aplicada foi a mínima, de 10%, o que representa uma decisão mais branda em comparação a outros parceiros comerciais dos Estados Unidos. Isso ajuda a reduzir o risco de substituição de produtos brasileiros por concorrentes.

Estimativas indicam que as exportações do Brasil para os EUA representam cerca de 2% do nosso PIB, o que sugere efeitos mais limitados do ponto de vista macroeconômico. Ainda assim, alguns setores específicos devem sentir o impacto com maior intensidade, especialmente aqueles com maior dependência do mercado americano.

De modo geral, produtos agrícolas brasileiros enfrentam tarifas mais elevadas, muitas vezes acima de 7%, variando conforme o item. Já os bens não agrícolas, como manufaturados e industriais, costumam pagar tarifas médias mais baixas. Com a aplicação uniforme de 10%, o último grupo tende a ser proporcionalmente mais impactado, como é o caso do etanol.

Economia Global

Com o anúncio do novo pacote nos EUA, é provável que se inicie uma nova escalada nas tensões comerciais, com países retaliando e impondo restrições às exportações americanas. A imposição de tarifas pelos Estados Unidos, somada às contramedidas, tende a afetar negativamente o fluxo do comércio internacional, comprometendo o crescimento econômico global. Ao mesmo tempo, pode gerar pressões inflacionárias em diversas economias.

Outro ponto de atenção é o risco de desorganização das cadeias globais de produção, das quais muitas indústrias ainda dependem. As tarifas impõem custos adicionais e geram entraves logísticos, reduzindo a competitividade das empresas e pressionando os preços finais.

Em um contexto já marcado por desaceleração, esses fatores tornam o cenário econômico global ainda mais desafiador. Essa instabilidade se reflete também nos mercados financeiros, com aumento da volatilidade e correções nos principais índices acionários.

Por fim, é possível que haja uma aceleração na formação de novos acordos bilaterais, como o recente firmado entre China, Coreia do Sul e Japão.

Estados Unidos

Em relação aos impactos, as tarifas devem afetar a economia norte-americana em diferentes frentes. De um lado, elas elevam a incerteza, o que tende a reduzir o consumo e os investimentos – o índice de confiança dos consumidores vem se deteriorando nos últimos meses. Ao encarecerem produtos e insumos importados, pressionam os custos e a margem das empresas, diminuem o poder de compra das famílias e tornam as condições financeiras mais restritivas. Esse cenário se soma à taxa de juros elevada, que restringe a expansão do crédito e afeta relevantes setores, como o imobiliário.

Muitas instituições financeiras e consultorias elevaram a probabilidade de uma recessão nos Estados Unidos. A Goldman Sachs, por exemplo, revisou de 20% para 35% as chances de uma recessão nos próximos 12 meses e reduziu sua projeção de crescimento do PIB para 1,0%. Nós mantemos o nosso cenário base de desaceleração econômica, com um crescimento mais modesto do que seria esperado em um ambiente sem tarifas, sustentado pelo mercado de trabalho, que segue equilibrado, e pela resiliência do consumo das famílias.

Em relação aos preços, os consumidores já começaram a revisar para cima suas expectativas de inflação para este ano. Além disso, nos próximos meses, o choque tarifário deve começar a se refletir mais claramente nos preços — e, conseqüentemente, nos principais índices de inflação — especialmente a partir do segundo semestre. Nesse contexto, o núcleo do PCE, principal indicador acompanhado pelo Federal Reserve, tende a permanecer em torno ou até acima 3,0% até o final de 2025, patamar significativamente acima da meta de 2%.

Diante desse cenário, o Fed poderá se ver diante de um dilema no segundo semestre: manter os juros elevados para controlar a inflação ou reduzi-los para apoiar a atividade econômica?

Em março, o Fomc manteve a taxa básica entre 4,25% a.a. e 4,50% a.a., conforme esperado. No entanto, o comunicado reforçou que a conjuntura econômica se tornou mais incerta desde a reunião anterior.

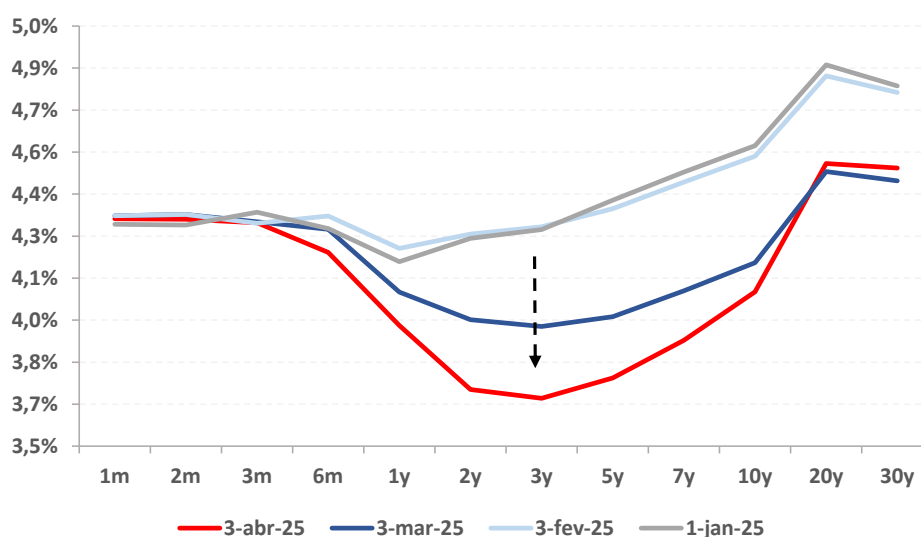
O Comitê revisou para cima as projeções do PCE cheio de 2,5% para 2,7%, e seu núcleo subiu de 2,5% para 2,8%, já capturando os efeitos das tarifas sobre a economia.

Com os preços em patamar mais elevado, acreditamos que o banco central terá menos espaço para cortar juros. Nossa expectativa é que a inflação pese mais no balanço de riscos do que a desaceleração da atividade econômica. Nesse cenário, o Fed realizaria apenas um corte de juros neste ano, com margem de manobra mais limitada a partir do segundo semestre.

Manter os juros em níveis elevados — ou até mesmo voltar a subir as taxas, se necessário — poderá ser a estratégia adotada para evitar o desancoragem das expectativas e preservar a credibilidade da política monetária. Por outro lado, caso o mercado de trabalho passe a mostrar sinais mais fortes de desaceleração, refletindo uma perda de tração da atividade, o Fed poderá intensificar os cortes de juros ao longo deste ano.

Atualmente, após o anúncio das tarifas, o mercado passou a adotar uma visão mais pessimista em relação à atividade econômica, incorporando a expectativa de uma desaceleração mais acentuada. Esse cenário tem pressionado o dólar, levando a uma desvalorização da moeda americana frente a outras divisas — com o índice DXY registrando quedas relevantes nos últimos dias. Além disso, a perspectiva de crescimento mais fraco contribuiu para o fechamento da curva de juros futuros, com os investidores já precificando até três cortes na taxa básica de juros dos Estados Unidos ainda neste ano.

Curva de juros EUA (% a.a.)



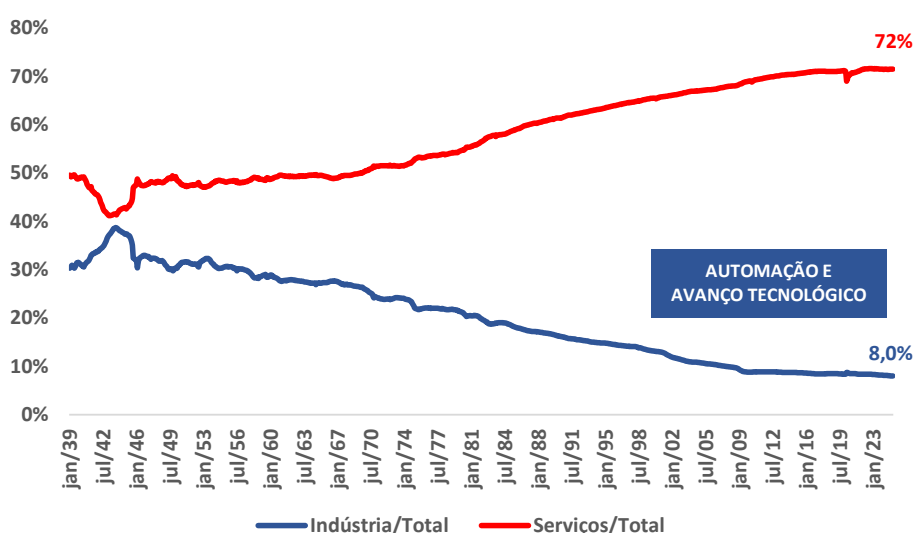
Fonte: Refinitiv / Elaboração: Suno Asset

Indústria Norte-Americana

O governo Trump defende que a proteção comercial pode estimular novos investimentos na indústria americana e gerar empregos no setor. Muitas empresas estão voltando para os Estados Unidos, mas esses investimentos ainda vão demorar para maturar, e não é tão simples assim você fazer uma atração de empregados para algum setor.

Durante a Segunda Guerra Mundial, a indústria empregava quase 40% da força de trabalho americana. Com o passar das décadas, a automação e a expansão do setor de serviços reduziram essa participação para menos de 10%, como vemos no gráfico a seguir.

Participação da Mão de Obra por Setor



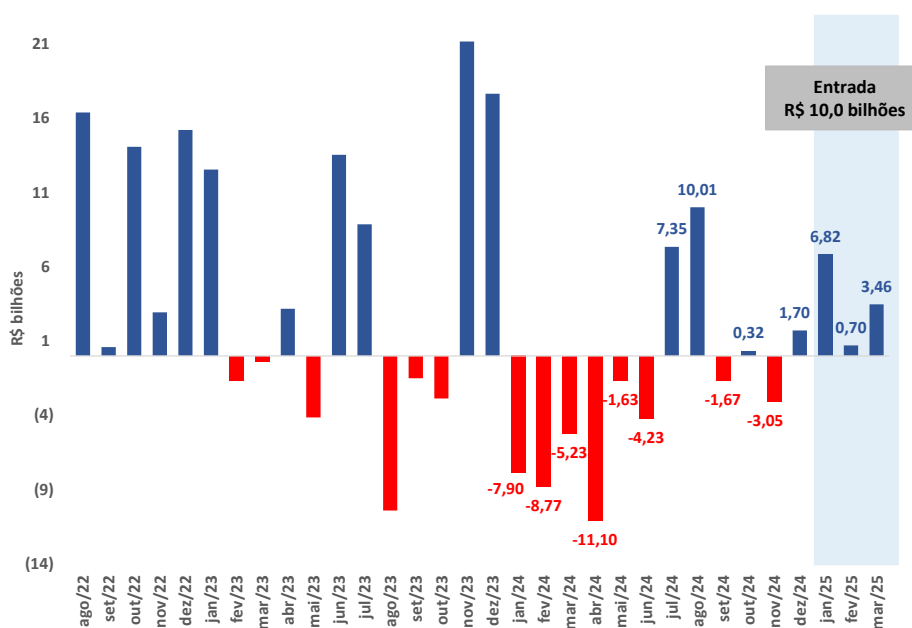
Fonte: BLS / Elaboração: Suno Asset

Mesmo durante o primeiro mandato de Trump, quando políticas semelhantes foram implementadas, a participação dos trabalhadores no setor industrial permaneceu praticamente inalterada. Isso ocorre porque a reindustrialização exige mão de obra qualificada, especialmente diante dos avanços tecnológicos recentes. Além disso, há o desafio de atrair profissionais do setor de serviços — que hoje concentra cerca de 70% dos empregos — de volta para a indústria. Para isso, as empresas teriam que oferecer salários mais altos, o que, por sua vez, reduziria a competitividade do setor manufatureiro norte-americano.

Brasil: Cenário Econômico

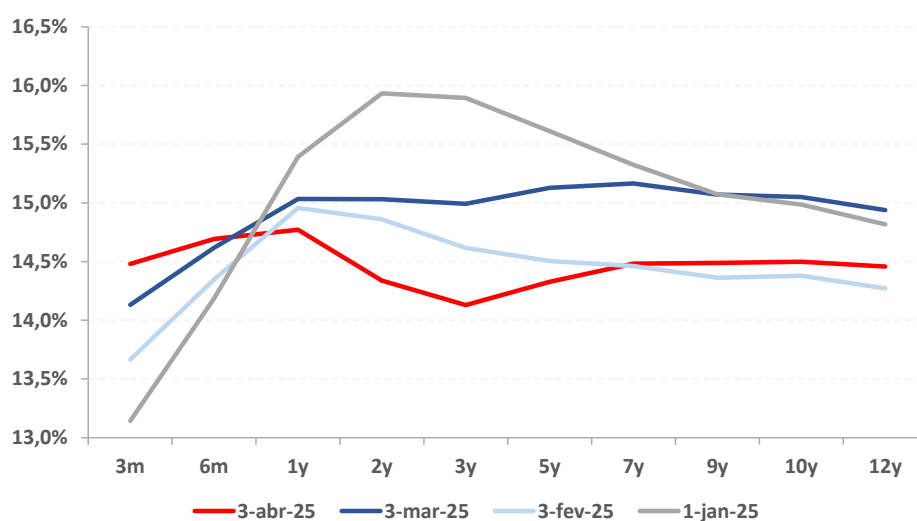
Em março, tanto o Ibovespa quanto o IFIX registraram expressivas altas, com valorizações superiores a 6%. O desempenho foi impulsionado por uma combinação de fatores, com destaque para a entrada de capital estrangeiro e o fechamento da curva de juros - vide os gráficos a seguir -, além da perspectiva de fim do ciclo de alta de juros.

Fluxo de Capital Estrangeiro – B3



Fonte: B3 / Elaboração: Suno Asset

Brasil - Curva de Juros (% a.a.)



Fonte: Refinitiv / Elaboração: Suno Asset

Investidores internacionais demonstraram maior apetite por ativos brasileiros, impulsionados por avaliações consideradas atrativas em relação a outros mercados. A crescente cautela em relação à

economia dos EUA - especialmente diante das novas tarifas comerciais e das incertezas quanto à condução da política monetária — contribuiu para um movimento de realocação de capital em direção a economias emergentes, como o Brasil.

No mercado doméstico, a melhora na percepção sobre juros e inflação favoreceu o fechamento da curva futura, reduziu a incerteza sobre a política monetária e contribuiu para o bom desempenho dos ativos.

Em março, o Copom elevou a taxa Selic em 1,0 p.p., para 14,25% a.a. Para a próxima reunião, em maio, o Comitê já sinalizou um aumento de menor magnitude. Em nosso cenário base, projetamos novas elevações de 0,75 p.p. em maio e 0,25 p.p. em junho, encerrando o ciclo de aperto monetário com a taxa em 15,25% a.a.

Quanto à inflação, mantemos a expectativa de que o IPCA encerre 2025 em 5,6%. Acreditamos que a inflação deve seguir em aceleração nas próximas divulgações, com tendência de maior estabilidade a partir do segundo trimestre. A desancoragem das expectativas ainda persiste, mas alguns fatores oferecem alívio: a recente valorização do câmbio, a desaceleração da atividade econômica e a estabilização das projeções inflacionárias, após várias semanas consecutivas de revisões para cima.

Entretanto, mantemos no radar alguns elementos que podem dificultar o trabalho do Comitê. Destacam-se as recentes medidas do governo para mitigar o arrefecimento da economia, que podem acabar atenuando a desaceleração ou até reacelerando a inflação. Entre essas medidas estão a expansão do crédito consignado para trabalhadores do setor privado, a liberação do FGTS, reajuste do salário-mínimo e a possível antecipação da 13^a parcela do INSS.

Em suma, na nossa avaliação, a combinação entre a estabilização da inflação e o encerramento do ciclo de alta da Selic deve se consolidar como um dos principais gatilhos para a valorização da bolsa brasileira. No entanto, o pessimismo em relação à economia norte-americana pode contrabalancear e pesar negativamente o desempenho dos ativos locais.

Segue abaixo a tabela das nossas estimativas. Caso necessário, faremos novas revisões das nossas projeções.

Projeções

Cenário Base	2023	2024	2025	2026
PIB (var % a.a. real em volume)	2,9%	3,4%	1,9%	1,2%
IPCA (% a/a, fim de período)	4,62%	4,83%	5,6%	4,5%
Taxa Selic (% fim de período)	11,75%	12,25%	15,25%	13,50%
Taxa de Câmbio (R\$/US\$, fim de período)	4,85	6,19	6,10	6,15
Resultado Primário do Governo Central (% PIB) - meta	-2,3%	-0,10%	-0,25%	-0,40%
Resultado Primário do Governo Central (% PIB)	-2,3%	-0,4%	-0,6%	-0,7%
Dívida Bruta - DBGG (% PIB)	74,3%	76,1%	81,0%	86,4%
Balança comercial (US\$ bilhões)	98,8	74,55	72,4	70,0

Fontes: IBGE, Banco Central e ComexStat / Elaboração: Suno Asset

Gustavo Sung | **Economista-Chefe**

CARTA DO GESTOR

Caro Investidor,

Tradicionalmente, utilizamos nossa carta de gestão para comentar os principais acontecimentos do mês de referência do relatório — neste caso, março de 2025. No entanto, nesta edição, optamos por abrir uma exceção e abordar um tema que, embora recente, pode ter impactos significativos para o agronegócio brasileiro: a nova política tarifária de importações dos Estados Unidos.

No dia 2 de abril, o presidente norte-americano Donald Trump anunciou a imposição de tarifas comerciais a mais de 180 países que mantêm relações com os EUA. Inicialmente, foi estabelecida uma alíquota mínima de 10% sobre todas as importações, com percentuais diferenciados aplicados conforme o país de origem podendo chegar em até 50% em alguns casos.

A seguir, apresentamos a cronologia dos desdobramentos mais relevantes até o momento:

- **02/ abr:** EUA impõem tarifas de importação de 10% a 50% a mais de 180 países
- **04/ abr:** China, que até então era taxada em 34%, faz uma retalhação aplicando uma tarifa de 34% aos produtos dos EUA
- **08/ abr:** Trump anuncia aumento da tarifa para a China, elevando-a a 84%
- **09/abr:** Trump declara uma “pausa” nas tarifas recíprocas, mantendo a alíquota de 10% para todos os países por 90 dias, exceto para a China
- **09/abr:** Em resposta, China eleva a tarifa sobre produtos dos EUA para 84%
- **09/abr:** Ainda no mesmo dia, EUA aumentam a tarifa sobre a China para 125%
- **11/abr:** China responde elevando sua tarifa para 125% também
- **16/abr:** Casa Branca divulga documento com nova tarifa de 245% para produtos chineses

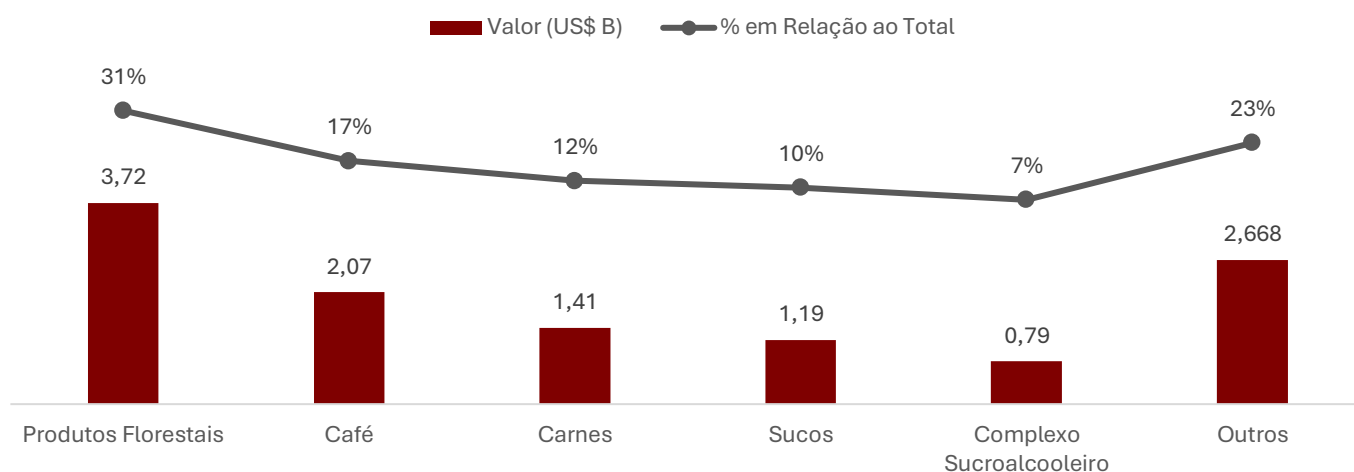
Nas próximas seções, discutiremos os possíveis impactos dessas medidas sobre o agronegócio nacional, incluindo potenciais desafios e oportunidades para o setor com foco nas cadeias produtivas investidas pelo SNAG11.

Relação Brasil x EUA

As estimativas mais recentes indicam que as exportações do Brasil para os Estados Unidos correspondem a aproximadamente 2% do nosso PIB. Isso sugere que, do ponto de vista macroeconômico, os impactos diretos da nova política tarifária tendem a ser limitados.

No entanto, determinados setores — especialmente aqueles com maior dependência do mercado americano — podem ser mais afetados, enfrentando desafios significativos em termos de competitividade e acesso ao mercado externo.

Produtos mais vendidos pelo agro do Brasil aos EUA (2024)



Fonte: Agrostat, Ministério da Agricultura | Elaboração: Suno Asset

Os impactos das novas tarifas para o setor agropecuário brasileiro tendem a ser relativamente mitigados. Isso porque, de maneira geral, os produtos agrícolas do Brasil já enfrentam entes da taxa global tarifas elevadas no mercado norte-americano — muitas vezes acima de 7%, variando conforme o item. Dessa forma, a elevação para uma tarifa mínima de 10% representa um aumento proporcionalmente menor para esses produtos, quando comparado a outros setores.

Por outro lado, os bens não agrícolas — como produtos manufaturados e industriais — costumam estar sujeitos a tarifas médias mais baixas. Com a aplicação uniforme da alíquota de 10%, esses produtos passam a sofrer um impacto mais significativo. Um exemplo é o etanol, cuja tarifa subirá de 2% para 10%, o que compromete diretamente sua competitividade.

Após os primeiros desdobramentos, o presidente Trump anunciou uma “pausa” nas tarifas elevadas aplicadas a mais de 180 países. Na prática, essa pausa corresponde à padronização temporária da alíquota em 10% para todos os países, válida por 90 dias. É importante ressaltar que tarifas específicas anteriormente em vigor — como as de 25% sobre aço e alumínio — permanecem ativas e não são afetadas por essa medida de flexibilização temporária.

Como a tensão entre EUA e China pode beneficiar o Agro Brasileiro?

Em 2 de abril, os Estados Unidos impuseram uma tarifa de 34% sobre produtos importados da China. Em resposta, o governo chinês adotou a mesma alíquota sobre produtos norte-americanos, dando início a uma escalada de retaliações comerciais entre as duas maiores economias do mundo.

Até o momento, os EUA elevaram suas tarifas sobre produtos chineses para 245%, enquanto a China aplica uma tarifa de 125% sobre produtos americanos. Esse cenário de guerra comercial abre oportunidades para o Brasil, especialmente no agronegócio, setor no qual concorre diretamente com os EUA no mercado chinês — com produtos como soja, milho e carnes.

Durante a primeira onda de tensões comerciais, em 2018 e 2019, os EUA já haviam perdido espaço nas exportações de soja para a China, com o Brasil assumindo a liderança. Agora, o país volta a estar bem-posicionado para ocupar nichos deixados pelos americanos.

A seguir, detalhamos os possíveis impactos para as principais culturas investidas pelo SNAG11:

Soja

Atualmente, o Brasil é o maior exportador de soja para a China, com os EUA ocupando a segunda posição. Com as novas tarifas sobre produtos norte-americanos, há uma tendência de que a China concentre ainda mais suas compras na soja brasileira.

Por outro lado, é possível que países que hoje comprem do Brasil passem a buscar soja nos EUA, aproveitando os preços mais competitivos por conta da menor demanda chinesa.

Sazonalmente, o Brasil exporta mais soja no primeiro semestre do ano, enquanto a safra americana ganha destaque na segunda metade. Isso coloca o Brasil em um momento de forte atividade

exportadora, o que pode ser potencializado pela nova demanda chinesa em meio ao conflito comercial.

Milho

No caso do milho, o cenário é mais incerto. Apesar do Brasil ser o terceiro maior produtor mundial — atrás apenas dos EUA e da própria China —, os chineses têm reduzido suas importações.

De acordo com a ABRAMILHO (Associação Brasileira dos Produtores de Milho e Sorgo), a safra chinesa de 2024 alcançou alta produtividade, reduzindo a necessidade de importações. Para 2025, espera-se uma produção ainda maior no país asiático.

Enquanto isso, no Brasil, as expectativas de uma boa safra vêm sendo revistas para baixo devido à escassez de chuvas em estados importantes como Paraná e Goiás.

Assim, o milho brasileiro pode se beneficiar da guerra comercial apenas no médio ou longo prazo — principalmente se houver quedas inesperadas de produtividade na China ou uma intensificação da tensão comercial com os EUA.

Café

O café apresenta um cenário de efeitos mistos. Por um lado, o Brasil pode se beneficiar com o aumento das exportações para os Estados Unidos — seu principal comprador externo. Por outro, o possível encarecimento do produto nos EUA, em função das novas tarifas, pode levar a uma queda no consumo local.

Até 2 de abril, as importações de café verde brasileiro pelos EUA estavam isentas de tarifas. Esse produto representa a maior parte do café exportado para os americanos, conforme dados do Ministério da Agricultura.

Como os EUA não possuem produção significativa de café, são altamente dependentes de importações. O Brasil já lidera esse mercado, com 32% de participação, seguido por Colômbia (20%), Vietnã (8%) e Honduras (7%), segundo dados do USDA de dezembro de 2024.

A imposição de tarifas tende a elevar os custos para a indústria norte-americana e, consequentemente, para o consumidor final. O aumento de preços pode afetar o consumo de café no país, atenuando parte dos ganhos esperados com o aumento das exportações.

Em segundo plano

Paralelamente às recentes ações tarifárias globais promovidas pelo governo Trump, uma medida relevante foi aprovada no Brasil ainda em março: o Conselho Monetário Nacional (CMN) publicou a Resolução nº 5.202, que estabelece novas diretrizes para a aplicação dos recursos garantidores das Entidades Fechadas de Previdência Complementar (EFPCs).

Com a mudança, os fundos de pensão passam a poder investir em Fiagros, com limite de até 10% do patrimônio líquido dos fundos. Essa flexibilização amplia o universo de investidores institucionais no setor e pode representar um novo impulso para o financiamento do agronegócio brasileiro.

Guidance

Guidance de Distribuição SNAG11 - 1S25 (R\$/Cota)

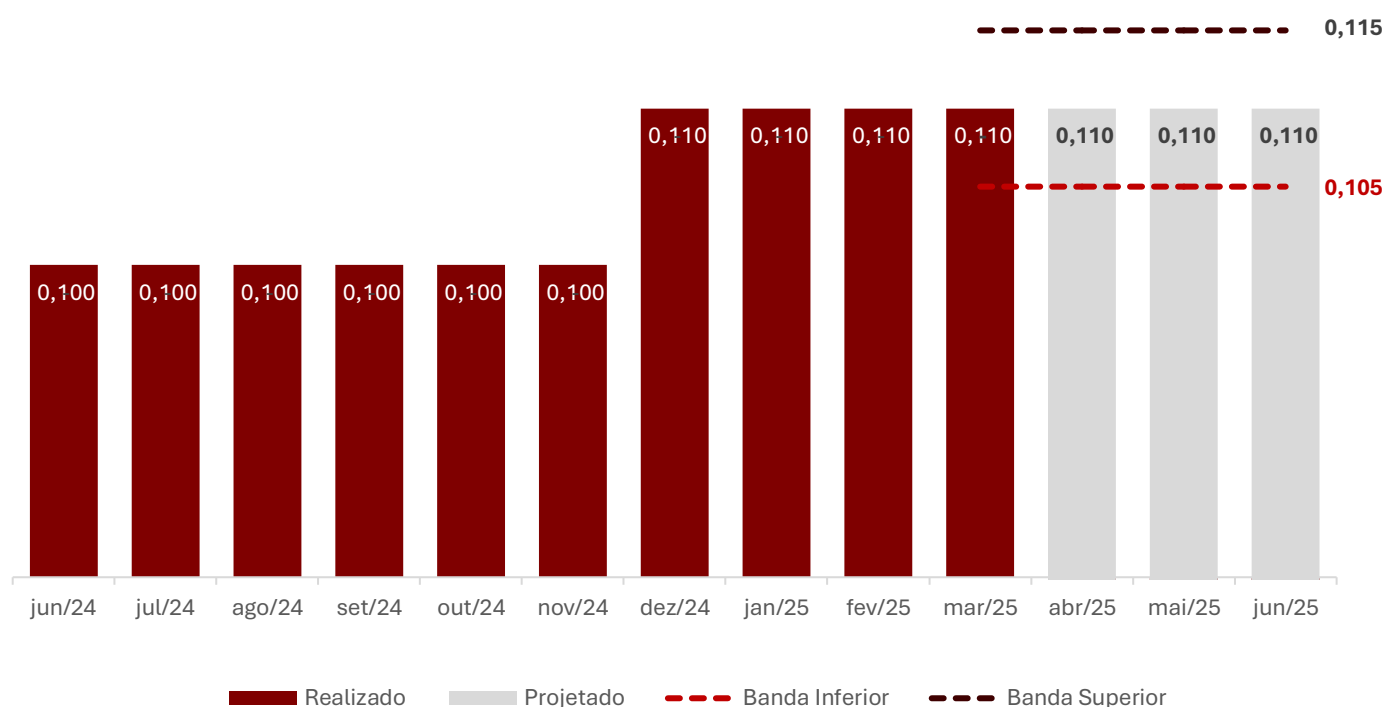


Tabela de Sensibilidade

Cotação	Spread (CDI+) Bruto	Spread (-) Tx Adm
R\$ 9,11	5,81%	5,04%
R\$ 9,18	5,61%	4,84%
R\$ 9,25	5,41%	4,64%
R\$ 9,32	5,21%	4,44%
R\$ 9,39	5,00%	4,24%
R\$ 9,46	4,80%	4,04%
R\$ 9,53	4,60%	3,83%
R\$ 9,60	4,40%	3,63%
R\$ 9,67	4,20%	3,43%
R\$ 9,74	4,00%	3,23%
R\$ 9,81	3,80%	3,03%
R\$ 9,88	3,60%	2,83%
R\$ 9,95	3,40%	2,63%
R\$ 10,02	3,20%	2,43%
R\$ 10,09	2,72%	1,95%
R\$ 10,16	2,59%	1,83%
R\$ 10,23	2,59%	1,83%
R\$ 10,30	2,39%	1,63%
R\$ 10,37	2,19%	1,42%
R\$ 10,44	1,99%	1,22%

* Cota a mercado (31/03)

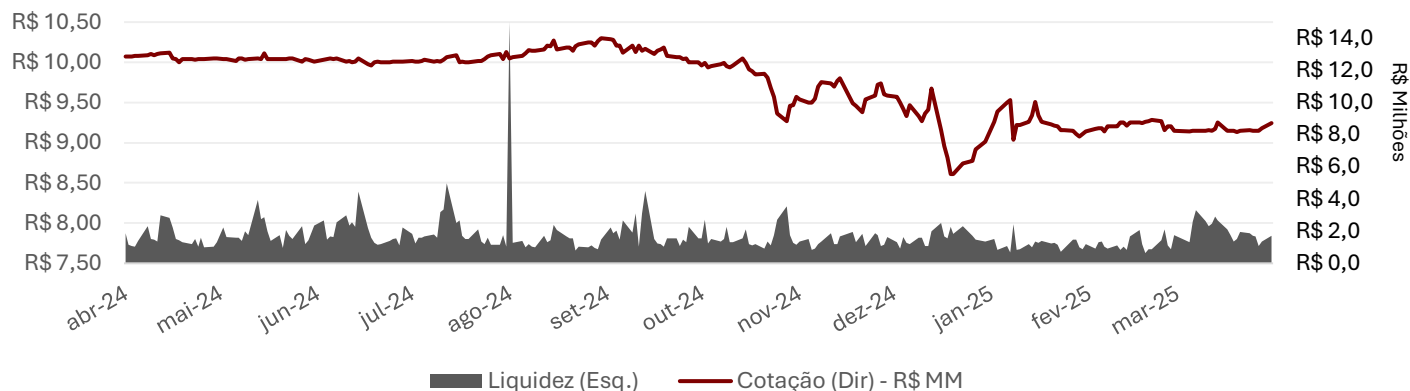
Cota a Mercado: 

Cota Patrimonial: 

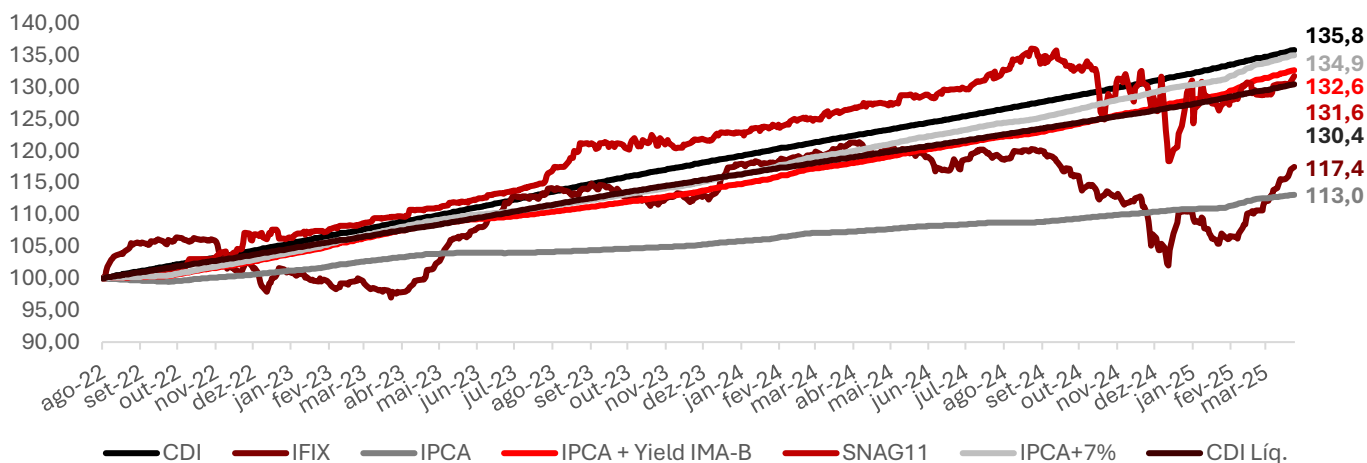
Equipe de Gestão, **SUNO ASSET**

PERFORMANCE/DESEMPENHO

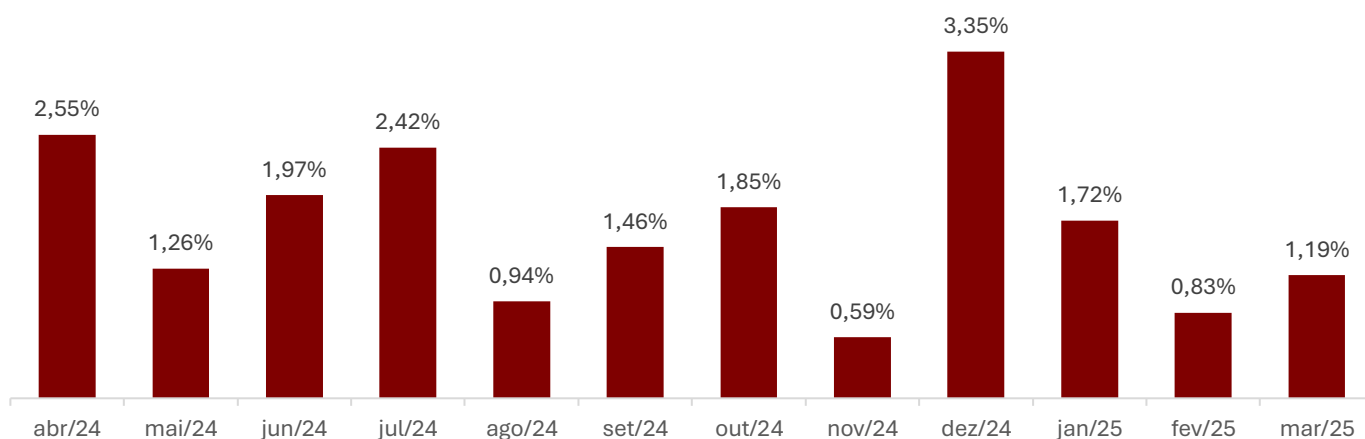
Cotação e Liquidez



Performance SNAG x Indexadores

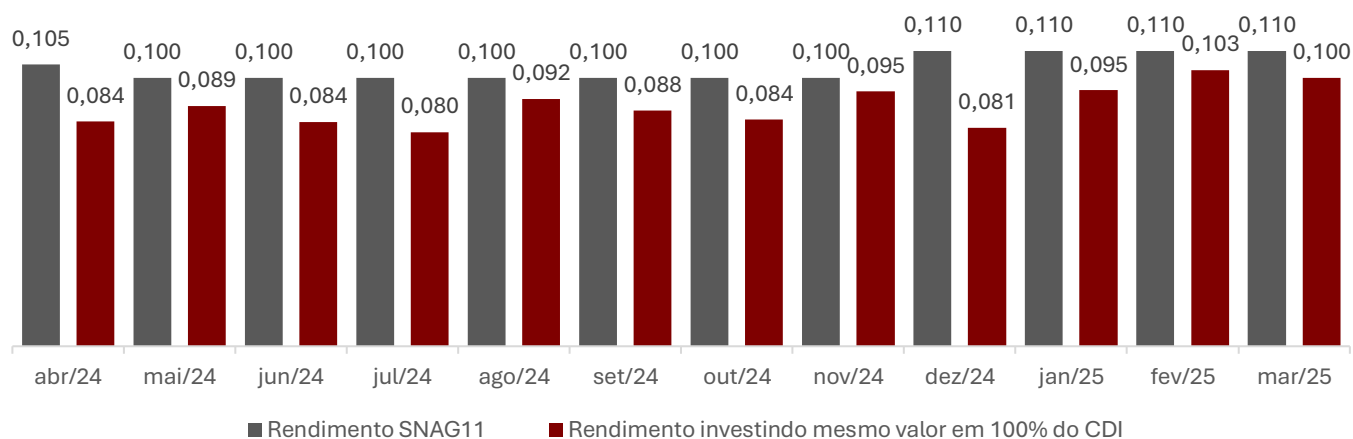


Rendimento SNAG11 em função do CDI+*



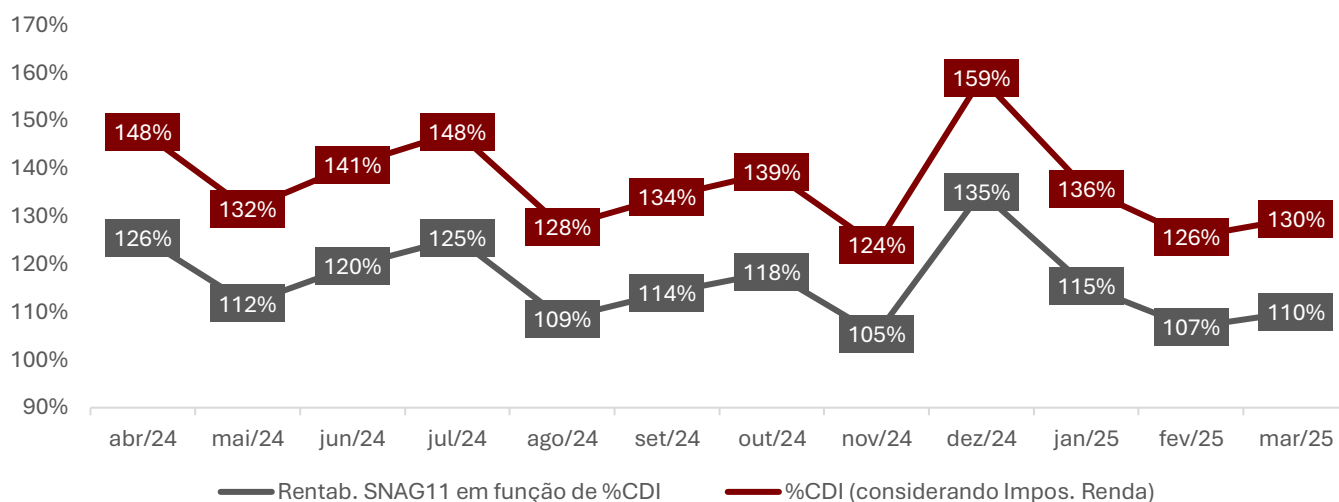
*Distribuição versus CDI acumulado do mês anterior

Histórico de Rentabilidade SNAG11 x CDI*



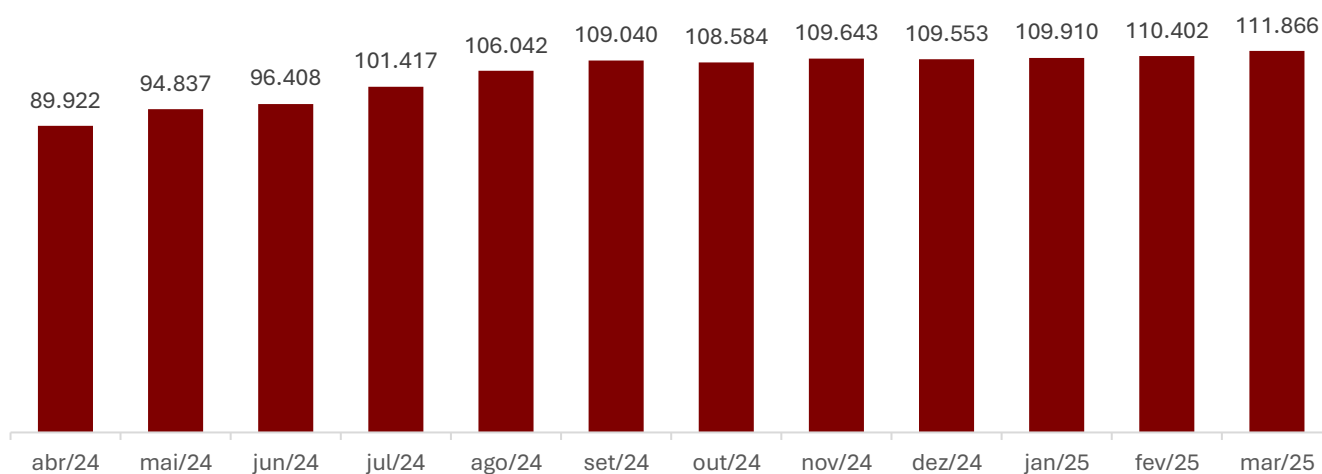
Elaboração: Suno Asset.

Rendimento SNAG11 em função de % CDI*



Elaboração: Suno Asset

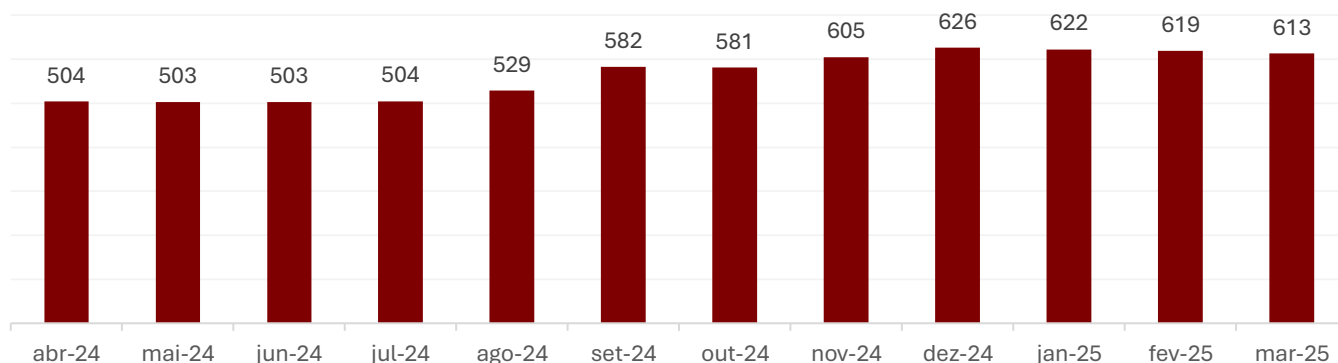
Número de Cotistas



*Distribuição versus CDI acumulado do mês anterior

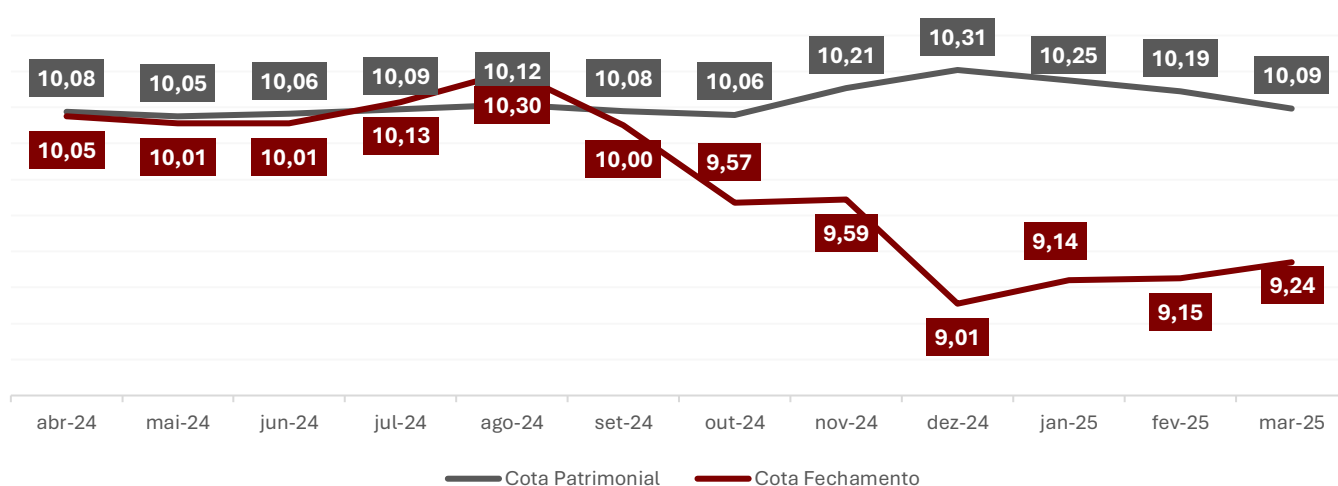
Elaboração: Suno Asset.

Patrimônio Líquido



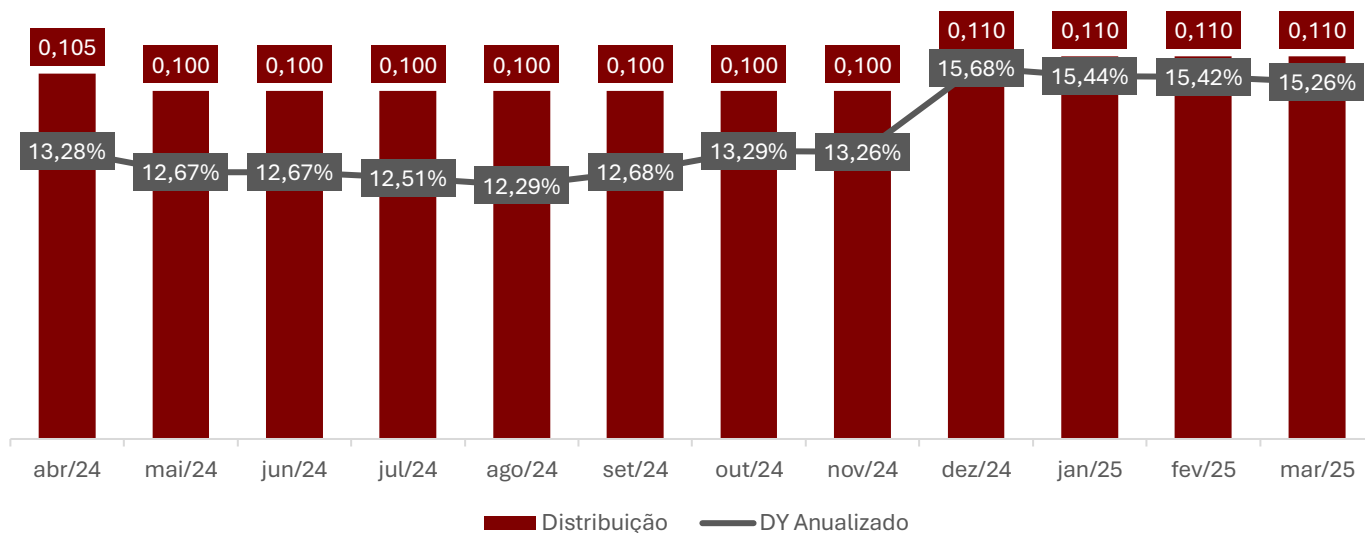
Elaboração: Suno Asset.

Cota Patrimonial x Cota Mercado (em R\$)



Elaboração: Suno Asset.

Distribuição e DY Anualizado (%)



Elaboração: Suno Asset

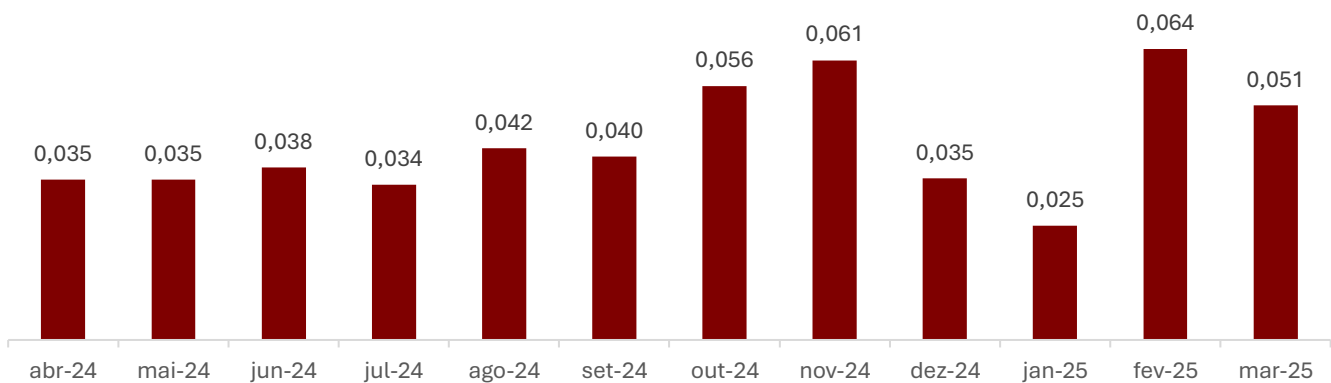
RESULTADO

MÊS	JAN-25	FEV-25	MAR-25	LTM	2025
1. RECEITA DISTRIBUÍVEL	R\$ 6.628.615,59	R\$ 9.584.170,00	R\$ 6.395.853,36	R\$ 75.858.339,99	R\$ 22.608.638,95
1.a. Juros (CRA)	R\$ 6.144.285,46	R\$ 9.086.349,13	R\$ 5.897.245,99	R\$ 67.911.602,56	R\$ 21.127.880,58
1.b. Correção Monetária (CRA)	R\$ 0,00	R\$ 0,00	R\$ 0,00	R\$ 0,00	R\$ 0,00
1.c. Renda Fiagros	R\$ 52.899,54	R\$ 52.350,72	R\$ 52.350,72	R\$ 356.585,96	R\$ 157.600,98
1.d. Renda Aluguéis	R\$ 388.016,06	R\$ 388.016,06	R\$ 388.016,06	R\$ 4.608.977,74	R\$ 1.164.048,18
1.e. Aplicação Caixa	R\$ 42.292,94	R\$ 57.454,09	R\$ 58.240,59	R\$ 1.004.585,00	R\$ 157.987,62
1.f. Movimentação de Ativos	R\$ 1.121,59	R\$ 0,00	R\$ 0,00	R\$ 1.976.588,73	R\$ 1.121,59
2. DESPESAS	-R\$ 575.241,24	-R\$ 549.745,99	-R\$ 471.412,92	-R\$ 5.630.550,17	-R\$ 1.596.400,15
2.a. Despesas do Fundo	-R\$ 478.537,54	-R\$ 502.995,67	-R\$ 454.810,82	-R\$ 5.176.332,07	-R\$ 1.436.344,03
2.b. Despesas não recorrentes	-R\$ 96.703,70	-R\$ 46.750,32	-R\$ 16.602,10	-R\$ 454.218,10	-R\$ 160.056,12
3. RESERVA DE LUCROS	R\$ 2.152.289,84	R\$ 1.524.225,36	R\$ 3.877.210,54	N/A	N/A
4. (=) RESULTADO FINAL	R\$ 8.205.664,19	R\$ 10.558.649,37	R\$ 9.801.650,98	N/A	N/A
4.a. Resultado Não Distribuído	R\$ 1.524.225,36	R\$ 3.877.210,54	R\$ 3.120.212,15	N/A	N/A
5. (=) RENDIMENTO DISTRIBUÍDO	R\$ 6.681.438,83	R\$ 6.681.438,83	R\$ 6.681.438,83	R\$ 68.546.618,43	R\$ 20.044.316,49
5.a. Distribuição – SNAG11	R\$ 6.681.438,83	R\$ 6.681.438,83	R\$ 6.681.438,83	R\$ 68.546.618,43	R\$ 20.044.316,49
5.b. Rendimento/Cota (R\$/ cota) – SNAG11	R\$ 0,11	R\$ 0,11	R\$ 0,11	R\$ 1,25	R\$ 0,33

*Considera-se como resultado final a soma das linhas (1) “Receitas”, (2) “Despesas” e (3) “Reserva de Lucros”.

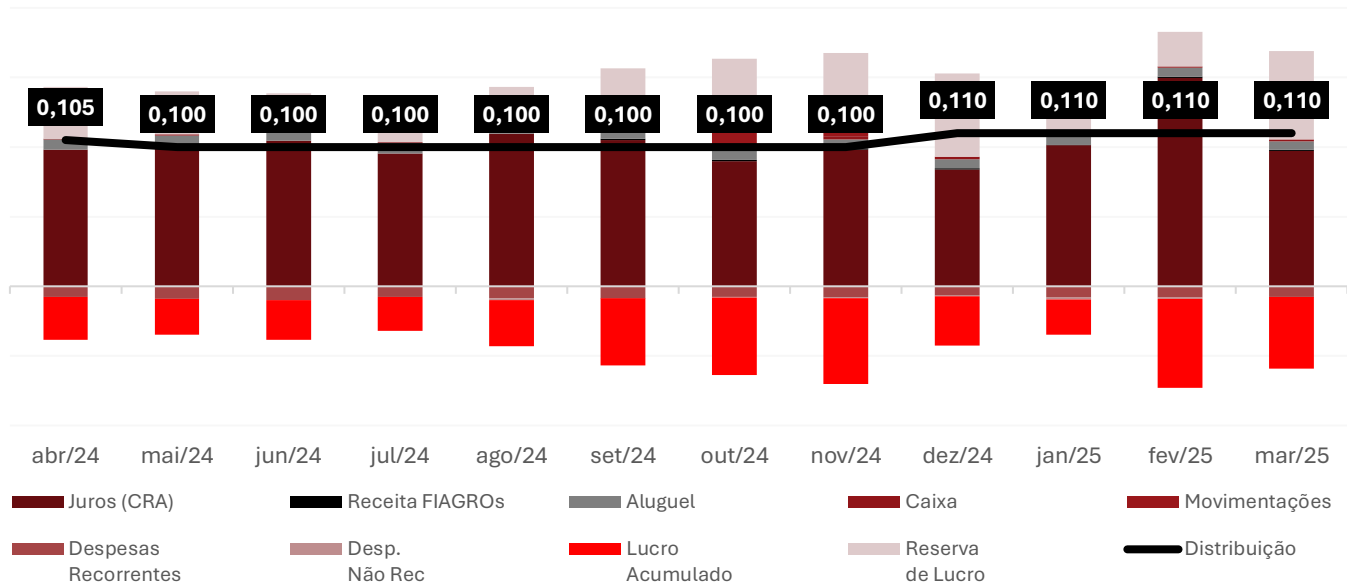
Fonte: Singulare | Elaboração: Suno Asset.

Lucro Acumulado (R\$/Cota)



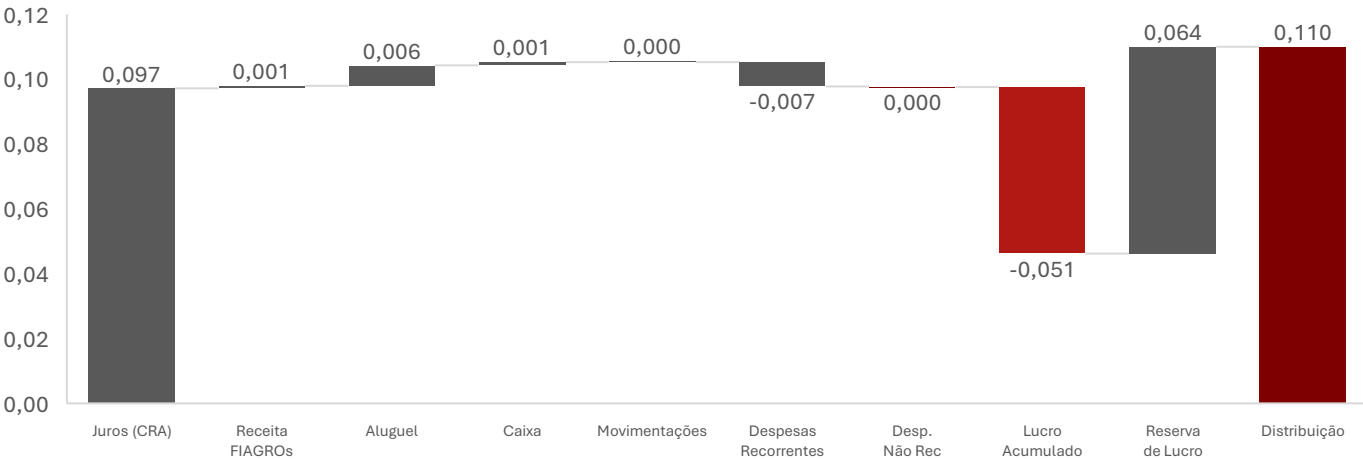
Elaboração: Suno Asset.

Resultado SNAG11



Elaboração: Suno Asset.

Resultado Mensal Detalhado (R\$/cota)



Elaboração: Suno Asset.

ALOCAÇÕES E MOVIMENTAÇÕES

R\$ 613,079 MM

Patrimônio Líquido do Fundo

8,13% | R\$ 50,27 MM

Yield médio em IPCA + Posição Financeira

R\$ 5,507 MM (0,90% do PL)

Caixa no Fechamento

8,13% + Variação Positiva IPCA

Cap Rate dos imóveis

263

Número de devedores na carteira

CDI + 3,68% | 4,85 | R\$ 547,71 MM

CRAs a CDI + Duration + Posição Financeira

18,94%

Yield médio ponderado All In dos CRAs

Julho

Mês de reajuste dos aluguéis

CARTEIRA DE CRÉDITO

Identificação	Perfil de risco	Código IF	Setor	Rating	Index	Yield	Duration (anos)	Vol SNAG	% PL	LTV	Recorrência
CRA PULVERIZADO BOA SAFRA	Pulverizado	CRA02200815	Revendas e Produtores	A2	CDI	3,00%	5,64	R\$ 337,16	54,99%	N/A	Mensal
CRA RUIZ COFFEES	Corporativo	CRA02300O2P	Café	A1	CDI	4,50%	3,92	R\$ 49,62	8,09%	50%	Mensal
CRA LEITÍSSIMO	Corporativo	CRA0240093W	Laticínios	A2	CDI	5,00%	2,78	R\$ 40,87	6,67%	45%	Mensal
CRA LEITÍSSIMO 2	Corporativo	CRA0240093W	Laticínios	A2	CDI	4,00%	3,28	R\$ 14,90	2,43%	45%	Mensal
CRA SHULL	Corporativo	CRA0240086M	Híbridos	A3	CDI	3,52%	2,67	R\$ 31,43	5,13%	N/A	Semestral
CRA CULTURA	Pulverizado	CRA02400ASY	Revendas e Produtores	A2	CDI	5,50%	3,55	R\$ 53,61	8,75%	N/A	Mensal
BIG TRADE FIDC SÊNIOR	FIDC	N/A	Café	A3	CDI	4,00%	N/A	R\$ 10,00	1,63%	N/A	Mensal
BIG TRADE FIDC MEZA	FIDC	N/A	Café	A3	CDI	7,50%	N/A	R\$ 10,00	1,63%	N/A	Mensal
COMPROMISSADAS	Compromissada	N/A	N/A	N/A	CDI	0,35%	N/A	R\$ 8,00	1,31%	N/A	Mensal

IMÓVEIS

Identificação	Devedor	Setor	Rating	Index	Yield	Vencimento	Vol SNAG	% PL	Garantias	Recorrência
IMÓVEL RURAL SORRISO	Boa Safra Sementes S/A	Fornecedor/Soja	A3	IPCA	8,13%	10 anos	R\$ 38,15	6,22%	Arrendamento Típico	Mensal
IMÓVEL RURAL PRIMAVERA	Boa Safra Sementes S/A	Fornecedor/Soja	A3	IPCA	8,13%	10 anos	R\$ 12,12	1,98%	Arrendamento Típico	Mensal

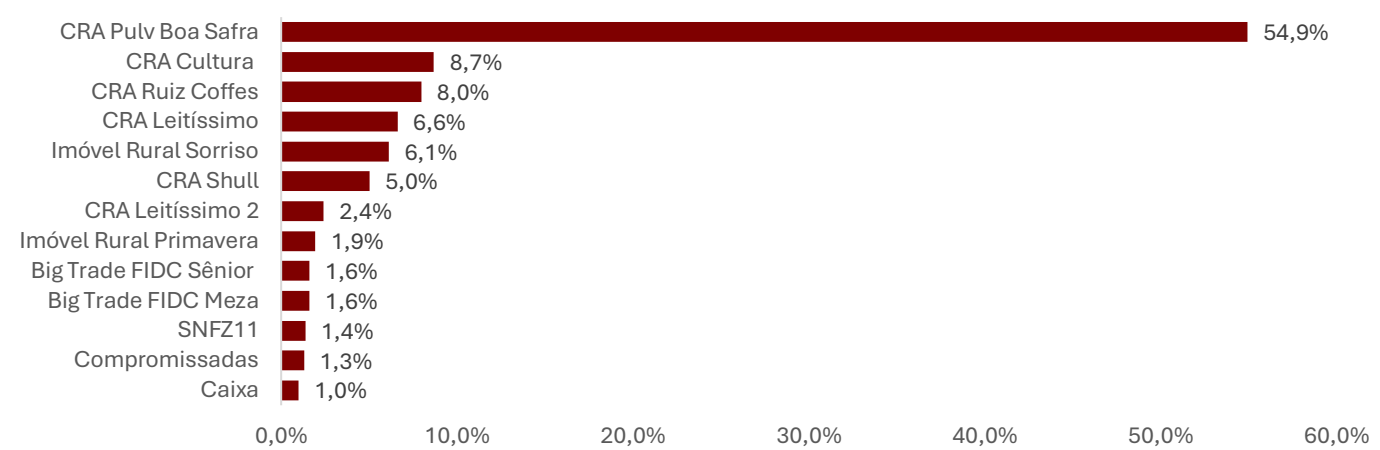
FIAGROS

Identificação	CNPJ	Setor	Qtde. Cotas	Cotação	DY (%)	P/VP	Vol SNAG	% PL	% de Caixa	Preço Médio de Aquisição
SNFZ11	53.313.475/0001-02	Híbrido	872.512	R\$ 9,79	8,26%	1,00	R\$ 8,54	1,39%	1,57%	R\$ 9,85

Elaboração: Suno Asset.

ALOCAÇÕES

Alocação por Ativo (% PL)

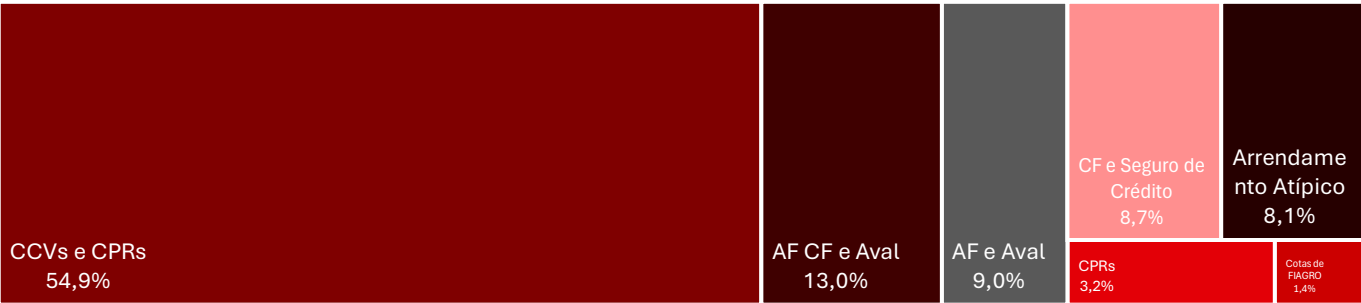


Elaboração: Suno Asset

Exposição por Tipo de Ativo (% PL)



Exposição por Lastro/Garantias (% PL)



Exposição por Indexador (% PL)



Exposição por Rating (% PL)



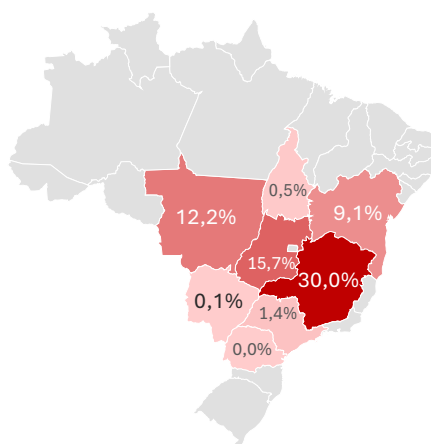
Exposição por Setor (% do PL)



Exposição por Cadeias Produtivas (% PL)



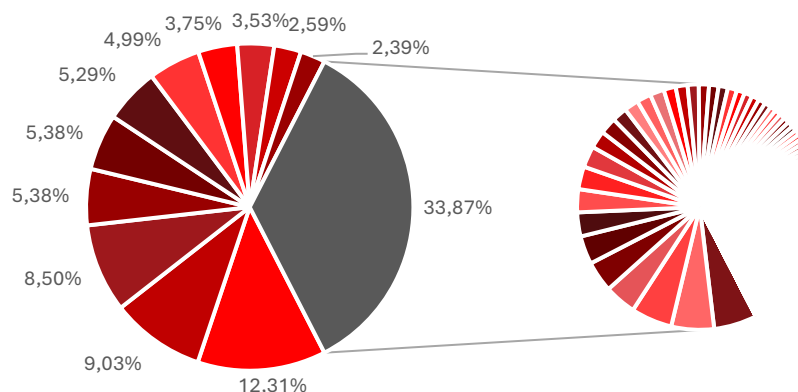
Exposição por UF (% PL)



Powered by Bing
© Microsoft, OpenStreetMap

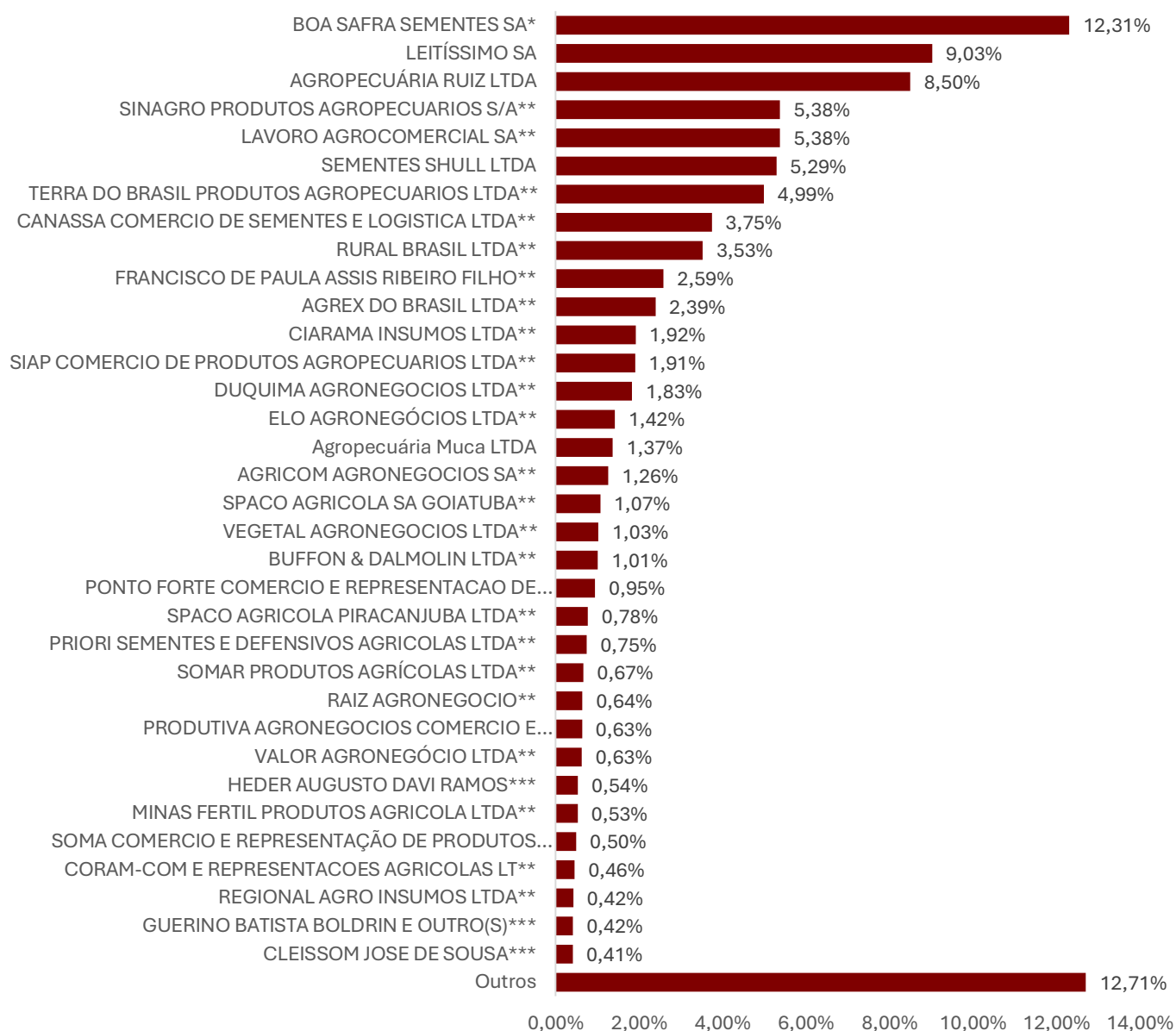
Elaboração: Suno Asset | Obs: o somatório dos gráficos não será necessariamente 100%, uma vez que Caixa e compromissadas não são considerados devedores do fundo.

Concentração por Devedor



Média de 0,37% por devedor

Exposição por Devedor



* Boa Safra é a arrendatária dos imóveis e conta com CPR lastreando o CRA Pulverizado; **Devedores com CCV's/CPR-s ainda não performados, que lastreiam o CRA Boa Safra, que conta com fiança da Boa Safra de até 10% em caso de inadimplência; *** Devedores CRA Cultura

AVALIAÇÃO DE RISCO DE CRÉDITO

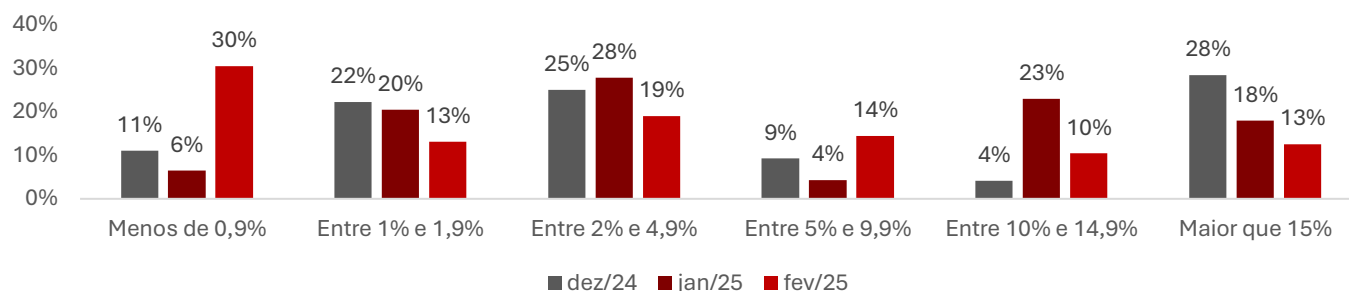
A Suno Asset tem o compromisso e o dever de proporcionar total transparência a seus cotistas com relação aos riscos envolvidos em seus fundos, não sendo diferente na operação do Fiagro SNAG11. Diante disso, a Suno Asset compôs este relatório, utilizando os Scores da Serasa Experian para a melhor descrição dos riscos de crédito relativos aos recebíveis securitizados do SNAG11.

O Agro Score PF da Serasa Experian é um modelo estatístico que estima o risco de inadimplência de produtores rurais pessoa física para atrasos de pelo menos 90 dias em um horizonte de 12 meses após a análise. Diferente de outros Scores de pessoa física, o Agro Score PF foi desenvolvido apenas com uma população relacionada ao ambiente rural, seja por ter obtido financiamento rural ou agroindustrial no Cadastro Positivo dos Bancos ou por possuir cadastro de propriedades rurais. A inadimplência é analisada levando em conta apenas o comportamento de pagamento em relação a setores que financiam ou impactam diretamente a produção agropecuária como bancos, cooperativas de crédito e cadeia do agronegócio (indústria de produção, revendedores de insumos ou de máquinas agrícolas, agroindústria de transformação, comércio atacadista de produtos agropecuários, serviços de apoio à agropecuária) além de outros serviços essenciais para o segmento como transporte e logística, armazéns e seguros não-vida.

Já o Agro Score PJ é um modelo estatístico que estima o risco de inadimplência, num horizonte de 18 meses, de empresas da cadeia do agronegócio, incluindo produtores rurais, para atrasos que atingem pelo menos 180 dias. Diferente de outros Scores de pessoa jurídica, o Agro Score PJ foi desenvolvido apenas com empresas que possuem códigos de atividade econômica da cadeia do agronegócio, possibilitando que o modelo faça previsões incorporando as informações do maior ecossistema de big data da América Latina de diferentes formas para cada um dos segmentos do agronegócio.

Com base nisso, apresentamos ao lado a análise de probabilidade de inadimplência atualizada da carteira do SNAG11, incluindo todos os devedores presentes no portfólio do fundo.

Probabilidade Média de Inadimplência por Devedor (% do PL) - AgroScore



Fonte: Serasa Experian | Elaboração: Suno Asset

ASSEMBLEIAS E COMUNICADOS DOS ATIVOS

- **SNFZ11:**
 - **Documento:** Comunicado a Mercado
 - **Data:** 31/03
 - **Descrição:** Apuração da produtividade da safra 24/25 da Fazenda Coliseu (Safra recorde e aumento do valor do arrendamento)

DETALHAMENTO DOS ATIVOS

CRA BOA SAFRA



Ticker: CRA02200815

Setor: Sementes

Remuneração: CDI + 3,00%

Lastro: CPR & CVVs

Vencimento: Mai/42

% PL SNAG11: 54,7%

Descrição da Operação

Os recursos desse CRA são destinados aos produtores parceiros do grupo Boa Safra. O lastro do CRA pertence à carteira de clientes da empresa, que são produtores que utilizam as sementes de alta qualidade de soja e atuam há anos com a Boa Safra, sendo parceiros de negócios. A Avaliação de Crédito Independente atua mensurando exatamente o risco individual dos produtores que compõem o CRA.

Informações do CRA	2025
Nº de Devedores	57
Cooperação Boa Safra	10% do SD do CRA
Data de Emissão	Mai/22
% Inadimplência	0,0%
Perfil de Devedor	Pulverizado

CRA Ruizz Coffeess



Ticker: CRA0230002P

Setor: Café

Remuneração: CDI + 4,50%

Garantias: AF, CF e Aval

Vencimento: Out/33

% PL SNAG11: 7,9%

Descrição da Operação

A Ruizz Coffees Brasil se destaca como uma das principais produtoras globais de café especiais, conquistando reconhecimento internacional por meio de um meticuloso processo de asseguramento de qualidade, que abrange desde o cultivo e colheita, até a criteriosa seleção dos melhores grãos, culminando na fase de torrefação. Todo esse processo é conduzido nas propriedades rurais próprias da empresa.

Informações do CRA	2025
Estado (UF)	Minas Gerais (MG)
LTV	50%
Data de Emissão	Out/23
Rating Interno	A1
Perfil de Devedor	Corporativo/Produtor

CRA Leitíssimo I

leitíssimo
engarrafado na fazenda



Ticker: CRA02300K2A

Sector: Laticínios

Remuneração: CDI + 5,00%

Garantias: AF de Terras

Vencimento: Set/29

% PL SNAG11: 6,7%

Descrição da Operação

A Leitíssimo é uma empresa brasileira que fabrica e vende leite longa vida do tipo UHT e outros derivados do leite. A empresa foi fundada em 2001, e tem sede em Jaborandi, na Bahia, onde fica a Fábrica Leite Verde, local em que é produzido o leite comercializado pela Leitíssimo.

Informações do CRA	2025
Estado (UF)	Bahia (BA)
LTV	45%
Data de Emissão	Set/23
Rating Interno	A2
Perfil de Devedor	Corporativo

CRA Leitíssimo II

leitíssimo
engarrafado na fazenda



Ticker: CRA0240093W

Sector: Laticínios

Remuneração: CDI + 4,00%

Garantias: AF de Terras, AF de Animais e Aval

Vencimento: Set/30

% PL SNAG11: 2,4%

Descrição da Operação

A Leitíssimo é uma empresa brasileira que fabrica e vende leite longa vida do tipo UHT e outros derivados do leite. A empresa foi fundada em 2001, e tem sede em Jaborandi, na Bahia, onde fica a Fábrica Leite Verde, local em que é produzido o leite comercializado pela Leitíssimo.

Informações do CRA	2025
Estado (UF)	Bahia (BA)
LTV	55%
Data de Emissão	Set/24
Rating Interno	A2
Perfil de Devedor	Corporativo

CRA Shull



Ticker: CRA0240086M

Setor: Híbridos

Remuneração: CDI + 3,52%

Garantias: AF, CF e Aval

Vencimento: Set/28

% PL SNAG11: 5,2%

Descrição da Operação

A Shull Sementes LTDA. É uma empresa 100% brasileira, que produz híbridos de milho e sorgo para produtores de todo o país. Seu produto possui uma tecnologia embutida de alto valor, que atua diretamente no incremento da produtividade, resistência e qualidade das sementes. A empresa busca atender diretamente uma demanda reprimida de um nicho de mercado que é concentrado por grandes players, e a partir de forte know-how técnico e comercial dos sócios, atender aos mais diversos clientes.

Informações do CRA	2025
Estado (UF)	Diversos
Recorrência de Juros	Semestral
Data de Emissão	Set/24
Rating Interno	A3
Perfil de Devedor	Corporativo

CRA CULTURA



Ticker: CRA02400ASY

Setor: Revendas e Produtores

Remuneração: CDI + 5,50%

Garantias: CF e Seguro de Crédito

Vencimento: nov/29

% PL SNAG11: 9,0%

Descrição da Operação

CRA pulverizado que tem como objetivo financiar os clientes da Cultura Agromais, distribuidora de insumos que está no mercado a 19 anos, atendendo principalmente produtores de soja, milho e café no triângulo mineiro e sudoeste de Minas Gerais. A carteira de recebíveis da Cultura é auditada pela KPMG e possui histórico saudável de adimplência. Além disso, o CRA conta com seguro de crédito para todos os sacados pela AVLA Seguros, presente em diversos países da América do Sul e EUA.

Informações do CRA	2025
Estado (UF)	Minas Gerais
Nº de Devedores	156
Data de Emissão	Nov/24
Seguradora	AVLA Seguros
Perfil de Devedor	Pulverizado

FIDC BIGTRADE CAFET1


CAFET1
 [B]³ LISTED

Ticker: CAFET1

Setor: CAFET1

Remuneração: CDI + 4,85%

Subordinação: 33%

Vencimento: N/A

% PL SNAG11: 3,2%

Descrição da Operação

FIDC gerido pela Suno Asset com parceria com a Big Trade. Seu principal objetivo é investir em CPRs de produtores de café. A Big Trade, uma fintech agrícola, utiliza inteligência artificial para ampliar o crédito para produtores rurais, buscando mitigar o risco dos investidores por meio da análise de dados relacionados aos produtores e às propriedades. É importante notar que o SNAG11, devido a questões regulatórias, não pode investir diretamente em CPRs, então a utilização do FIDC é necessária.

Informações do FIDC	2023
Estado (UF)	Minas Gerais
Nº de Devedores	43
Remuneração Sênior	CDI + 4,00%
Remuneração Mezanino	CDI + 7,5%
Perfil de Devedor	Produtores de Café

SNFZ11


Ticker: CRA02300K2A

Setor: Terras

DY (%): 7,5%

P/VP: 1,00

Preço Médio: R\$ 9,85

% PL SNAG11: 1,4%

Descrição da Operação

O SNFZ11 foi criado com o objetivo de investir na cadeia produtiva do agronegócio brasileiro, priorizando o ganho de capital através da valorização de fazendas e geração de renda por operações de arrendamento e crédito. O fundo atualmente conta com um ativo real descontado, e conta com um CRA elaborado para financiar a irrigação da Fazenda Coliseu, localizada em região privilegiada e com potencial de infraestrutura.

Informações do Fundo	Jan/25
Ativos	2
Preço da Cota	R\$ 9,88
PL	R\$ 61,9 MM
Localização da Fazenda	Gaúcha do Norte/MT
Operadora da Fazenda	Jequitibá Agro

IMÓVEL RURAL PRIMAVERA



Uso: UBS

Operação: Arrendamento Típico

Valor do Imóvel: R\$ 12,12 MM

Devedor Arrendamento: Boa Safra

% PL SNAG11: 1,9%

Descrição da Operação

Aluguel de unidade de beneficiamento de sementes. Um imóvel rural com localização privilegiada na Rodovia MT-130, próximo à FS Bioenergia, ligando as cidades de Primavera do Leste (MT) a Paranatinga (MT), conhecidas por serem referências agrícolas no sudeste do estado.



IMÓVEL SORRISO



Uso: CD

Operação: Arrendamento Típico

Valor do Imóvel: R\$ 38,15 MM

Devedor: Boa Safra

Prazo Contrato: 10 anos

% PL SNAG11: 6,7%

Descrição da Operação

Aluguel do Centro de Distribuição em Sorriso (MT). Fazenda localizada às margens da BR-163 em Sorriso (MT), rodovia que liga Cuiabá (MT), Sorriso (MT) e Sinop (MT) aos portos de Itaituba (PA) e de Santarém (PA), considerado um ponto estratégico de escoamento de grãos para o exterior e principais portos da região.



CONHEÇA TODOS OS NOSSOS FUNDOS DE INVESTIMENTO



FI-Infra da Suno Asset. Devido à sua importância para o desenvolvimento do país, esta classe possui isenção completa de IR nos rendimentos e no ganho de capital.



Fundo de Fundos que investe em mais de 30 outros FIs da bolsa e em centenas de ativos imobiliários por todo o país. Uma maneira descomplicada de aplicar no setor.



Fundo de Papel de risco moderado. Sua principal característica é entregar retornos consistentes aos cotistas, com rendimentos comparados a fundos de alto risco.



Primeiro FII de Energias Limpas da bolsa brasileira. Atualmente está em período de *lock-up* de cotas. A previsão da liberação de negociação é para dezembro de 2023.



Fundo Imobiliário de Tijolo que está em processo de reestruturação. Em seu portfólio há imóveis alugados para empresas como Ambev, Ceratti, Itambé e Volkswagen.



Fundo de Investimento em Ações que utiliza como referência as carteiras recomendadas da Suno Research. Exposição em ativos de Valor, Dividendos, Small Caps e Internacional.



Fundo de Previdência Privada que investe em ações, com exposição muito similar ao SUNO FIC FIA. Conta com os benefícios tributários de uma Previdência, investindo em ações.



Fundo de Investimento em Ações, com exposição em ações globais listadas no Brasil ou nas bolsas dos EUA. Investe nas maiores empresas do mundo.



FII Multiestratégia da Suno Asset. Fundo com locação multidimensional, o que elimina o esforço do cotista. Uma forma de buscar a simplificação máxima da estratégia imobiliária.

LIVE MENSAL

Acesse o formulário e envie suas dúvidas a respeito do nosso fundo para serem respondidas em *lives* mensais no canal da Suno Asset no Youtube.

Enviar dúvidas



Não deixe de nos acompanhar nas redes sociais!



**Aviso/Disclaimer:**

“Fundos de investimento não contam com garantia do administrador do fundo, do gestor da carteira, de qualquer mecanismo de seguro ou, ainda, do Fundo Garantidor de Créditos - FGC. A rentabilidade obtida no passado não representa garantia de rentabilidade futura. É recomendada a leitura cuidadosa do prospecto e do regulamento do fundo de investimento pelo investidor ao aplicar seus recursos. Os investidores devem estar preparados para aceitar os riscos inerentes aos diversos mercados em que os fundos de investimento atuam e, conseqüentemente, possíveis variações no patrimônio investido. O Administrador não se responsabiliza por erros ou omissões neste material, bem como pelo uso das informações nele contidas. Adicionalmente, o Administrador não se responsabiliza por decisões dos investidores acerca do tema contido neste material nem por ato ou fato de profissionais e especialistas por ele consultados.

Este material não tem relação com objetivos específicos de investimentos, situação financeira ou necessidade particular de qualquer destinatário específico, não devendo servir como única fonte de informações no processo decisório do investidor, que, antes de decidir, deverá realizar, preferencialmente com a ajuda de um profissional devidamente qualificado, uma avaliação minuciosa do produto e respectivos riscos face a seus objetivos pessoais e a sua tolerância ao risco (Suitability).

A Suno Gestora de Recursos Ltda. (“Suno Asset”) é gestora do(s) fundo(s) objeto(s) deste material e pertence ao grupo empresarial Suno (“Grupo Suno”), o qual contempla também as empresas Suno Research, Suno Índices e Suno Consultoria. As empresas, ainda que parte do Grupo Suno, possuem estruturas segregadas e autônomas.”